



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – UEPB
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

SHREK: UMA RELEITURA DA REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO CONTO
MIDIÁTICO

JANAINA GONÇALVES DA PAZ

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. KELLI FAUSTINO DO NASCIMENTO

CAMPINA GRANDE – PB

DEZEMBRO 2012

JANAINA GONÇALVES DA PAZ

SHREK: UMA RELEITURA DA REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO CONTO
MIDIÁTICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras com habilitação em Língua portuguesa.

Orientador (a) :Profª. Drª. Kelli Faustino do Nascimento

CAMPINA GRANDE – PB

DEZEMBRO 2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
CENTRAL – UEPB

P348s

Paz, Janaina Gonçalves da.

Shrek [manuscrito]: uma releitura da
representação da mulher no conto midiático /
Janaina Gonçalves da Paz. – 2012.

20 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação
em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba,
Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Profa. Dra. Kelli Faustino do
Nascimento, Departamento de Letras”.

1. Crítica Literária 2. Poesia 3. Literatura
Brasileira 4. Literatura Chilena I. Título.

21. ed. CDD 801.95

JANAINA GONÇALVES DA PAZ

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO CONTO MODERNO: SHREK

Aprovado em : 30/11/2012

Kelli Faustino do Nascimento Nota: 8,5
Prof. Dr. Kelli Faustino do Nascimento
(Orientadora)

Nelsônia Batista da Silva Nota: 8,5
Prof. Dr. Nelsania Batista da Silva
(Examinadora 1)

Rosângela Maria Soares Queiroz Nota: 8,5
Prof. Dr. Rosângela Maria Soares Queiroz
(Examinadora 2)

Média: 8,5

Campina Grande – PB
Novembro/2012

Resumo

Este trabalho visa a discussão sobre a representação da mulher nos contos de fadas modernos, especificamente no conto midiático Shrek. Para tal, fizemos um percurso histórico tendo como referência teórica alguns autores como Hans Cristian Andersen e Charles Perrault, que nos ajudam a compreender a forma como as mulheres eram percebidas na sociedade e quais as representações construídas a partir das concepções vigentes da época, sendo representadas quase sempre como pessoas obedientes, prendadas e dóceis, sendo caracterizadas por sua beleza física e/ou emocionais, passando sempre por desafios e sofrimentos, tendo como recompensa a salvação por um “príncipe encantado”, com o qual casavam e eram “felizes para sempre”. Em nossa análise tomamos a princesa Fiona, do conto midiático moderno Shrek, no qual há, até certo ponto, uma subversão de valores em relação aos contos tradicionais, uma vez que os padrões de beleza, as atitudes de passividade, docilidade ficam relativizados diante da possibilidade do amor que sente por um ogro, o qual se vê obrigada a escolher entre ficar “bela ou feia” para poder ter “seu ogro para sempre”, que não é um príncipe encantado, mas um ser desencantado.

Palavras- chave: Fiona. Mulher. Contos de fadas.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo la discusión acerca de la representación de la mujer en los cuentos de hadas modernos, específicamente en el cuento mediático Shrek. Para este hicimos una trayecto histórico teniendo como referencia teórica algunos autores como Hans Cristian Andersen e Charles Perrault, que nos ayudan a comprender la forma como las mujeres eran percibidas en la sociedad y cuales las representaciones construídas a partir de las concepciones vigentes de la época, siendo representadas casi siempre como personas obedientes, dotadas y dóciles, siendo caracterizadas por su belleza física y/o emocionales, pasando siempre por desafíos y sufrimientos, teniendo recompensa la salvación de un “príncipe encantado”, con el cual casaban y eran “ felices para como siempre”. En nuestra análise tomamos la princesa Fiona, del cuento mediático moderno Shrek, en el cual hay, hasta cierto punto, una subversión de valores en relación a los cuentos tradicionales, una vez que los patrones de belleza, las actitudes de pasividad y docilidad quedan relativizados delante la posibilidad del amor que siente por un ogro, el cual se ver obligada a elegir entre quedar “bella ou fea” para poder tener “seu ogro para siempre” que nos es un príncipe encantado, pero ser desencantado.

Palavras- chave: Fiona. Mujer. Cuentos de hadas.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. Introdução..... | 06 |
| 2. Uma tradição milenar..... | 07 |
| 2.1. Como surgiram os contos de fadas? | 09 |
| 2.2. Afinal qual a importância dos contos de fadas na atualidade?..... | 10 |
| 3. A contribuição dos contos de fadas (para a compreensão da vida)..... | 12 |
| 4. Um pouco de história..... | 13 |
| 4.1. A representação da mulher nos contos de fadas..... | 14 |
| 4.2. Analisando o filme Shrek..... | 17 |
| 5. Considerações finais..... | 19 |
| 6. Referências Bibliográficas..... | 20 |

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO CONTO MODERNO: SHREK

1. Introdução

As narrativas sempre fizeram parte da sociedade, quer seja para explicar as interferências da natureza, quer seja da sabedoria popular, a exemplo o período das colheitas, o ciclo de nascimento e morte, sem esquecer é claro da reverencia ao sol que os povos antigos tanto respeitavam. Enfim, foi envolvendo o mítico, o sobrenatural, o misterioso sobre o surgimento do mundo que temos os primeiros contos de fadas. É misturando fantasias e significados que muitas histórias se apresentam.

Os contos nos permitem passear por culturas diferentes, reconhecer nosso passado, compreender o papel ou a representação da mulher na sociedade em diferentes épocas. Foi a partir desses pressupostos que surgiu o objetivo desse trabalho, o qual analisou a representação da mulher nos contos de fadas. Dada à complexidade do tema, optamos fazer um recorte escolhendo para a nossa análise um conto midiático moderno conhecido por Shrek, um filme que foi produzido em 2001, pela Dream Works e dirigido por Andrew Adamson e Vicky Jenson, sendo estrelado pelas vozes de Mike Myers, Eddie Murphy, Joh Lithgow e Cameron Diaz, o qual se baseia no conto de fada Shrek de Wiliam Steig.

Inicialmente fizemos uma breve apresentação sobre como foi construída a narrativa oral dos contos até chegar ao percurso da escrita. Explicitamos sobre os principais representantes da literatura infantil, a exemplo de Hans Christian Andersen e Charles Perrault, relatando como surgiram os contos de fadas e porque essas histórias se perpetuaram ao longo do tempo. Em seguida fizemos referência sobre as contribuições dos contos de fadas para a compreensão da vida. Finalizamos o nosso artigo com a análise sobre as representações da mulher nos contos de fadas, as diferentes versões de um conto e de forma mais específica, nos detemos sobre um conto de fada moderno: Shrek.

Para a elaboração do artigo e para alcançar o objetivo pretendido, foi realizada uma pesquisa bibliográfica através de livros, textos e artigos que pudessem contribuir para aprofundar a nossa reflexão.

2. UMA TRADIÇÃO MILENAR ...

As narrativas se propagaram graças às amas de leite por passarem o dia cuidando das crianças de seus patrões, elas relatavam histórias do seu povo e de seus antepassados. Mas contamos também com a contribuição dos camponeses e de suas vivências, e não podemos esquecer a figura do marinheiro, viajantes que estavam em contato constante com novas culturas.

Os contos de fadas foram sendo repassados de geração para geração. Eram relatos que se davam ao redor das fogueiras, desde a Idade Média. Num determinado período da história, a partir das concepções da igreja católica sobre as histórias fabulosas, houve a proibição da transmissão desses costumes, passando a ser considerados rituais de feitiçaria (bruxarias). Entretanto, com o surgimento das novelas de cavalaria sobre o rei Arthur, ocorreu uma aceitação por parte da igreja.

Na Idade Média esse lastro, choca-se, funde-se ou deixa-se absorver pela nova visão do mundo gerada e transformada pelo espiritualismo e, transformado, chega ao Renascimento. Na Era Clássica, os contos, que tinham um profundo sentido de verdade humana foram perdendo seu significado e, como um “envoltório” colorido e estranho, transformou-se nos contos maravilhosos infantis (MATTAR, 2007. Apud Coelho, 1987 p. 15)

Os contos se davam de boca em boca, de região para região, cada um acrescentando sua versão, mas sem retirar o núcleo da história. As pessoas adequavam suas narrativas conforme sua cultura, seus conhecimentos e fantasias. Essas histórias eram relatadas de um povo para outro, sendo acrescentados valores culturais que faziam parte da vida de cada povo. Com o advento da escrita, a oralidade perde um pouco seu valor, entretanto os escritores dos contos decidem perpetuar essas narrativas antigas, através dos seus conhecimentos literários e da divulgação dos mesmos por todo o planeta.

No século XVII, Charles Perrault tenta defender a literatura francesa e a causa feminista. Sendo um dos primeiros a se preocupar em escrever para crianças a partir da obra “Pele de asno” com intuito de formação moral.

Os contos de fadas, a diferença de qualquer outra literatura, dirigem a criança para a descoberta de sua identidade e comunicação e também sugerem experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter. Os contos de fadas declamam que uma vida boa está ao alcance das pessoas apesar das adversidades- mas apenas se ela não se intimidar com as lutas do destino, ela se engajar nesta busca atemorizante, os poderes virão em sua ajuda, e ela conseguirá. (BETTELHEIM, 2002. p.32)

Na Alemanha surgem os Irmãos Grimm, Jacob e Wilhelm, os quais recolhem histórias contadas por camponeses e por sua vizinha, Jannette Hassenpflug, que havia fugido da perseguição religiosa de Luís XIV e sendo de família francesa, trouxera as reminiscências a partir dos contos de Perrault. Os Irmãos Grimm fizeram algumas adaptações e escreveram ao seu estilo, o que seria perpetuado por muito tempo.

Já Hans Christian Andersen surge no século XIX, sendo considerado pai da literatura infantil por seus contos maravilhosos se dedicarem às crianças. Recolhia as narrativas do folclore oral e as transformavam conforme sua criatividade.

Para finalizar não podemos esquecer as adaptações dos contos através dos tempos por cineastas como Walt Disney (1901-1966), que conseguiu transformar esta cultura popular em contos midiáticos, transformando-a em uma literatura de comércio, destituída de valor cultural.

Na nossa atualidade, um belo exemplo de releituras dos contos do escritor Pedro Bandeira, que nos deixa um legado de obras e filmes, como o filme Xuxa em o mistério de Feiurinha. Este filme é adaptado do livro o fantástico mistério de Feiurinha do escritor Pedro Bandeira (1942), escritor natural de São Paulo e que se dedicou à literatura, tendo como auxílio em suas histórias a experiência jornalística, os estudos em psicologia e em educação, além de suas próprias experiências de vida. E o outro: Shrek de Dream Works, o qual detalharemos mais adiante.

2.1. COMO SURGIRAM OS CONTOS DE FADAS?

Por lidarem com a cultura de vários povos, fica difícil determinar a origem dos contos de fadas. O que se sabe é que estes surgiram na época medieval como forma de transmissão para argumentos morais. Na realidade, os contos eram relatos dos camponeses atrelados à fantasia. Mas não podemos esquecer que foi graças às amas de leite e fiandeiras que auxiliaram a disseminar esta cultura.

Relatar histórias é uma tradição que segue a humanidade desde os tempos primórdios e serviam para explicar os possíveis fenômenos da natureza, inexplicáveis aos olhos daquela comunidade. As primeiras narrativas constituíam-se de relatos fabulosos que questionavam as possíveis histórias sobre o surgimento do mundo. Com o tempo estes relatos evoluíram para os mitos, ou seja, relatos impregnados pelos sobrenaturais. E por fim os contos que a partir de imagens metafóricas conseguem instigar na mente: o lúdico, despertar a imaginação e auxiliar a superar os possíveis obstáculos que surgem na vida. E assim adentram os sentimentos internos humanos.

É preciso realçar que as narrativas dos contos de fadas remontam aos tempos primórdios da humanidade e que narram mais do que histórias fabulosas, pois falam do destino humano e da luta interior entre a vida representada pelos sentimentos positivos e a pulsão de morte, significando os aspectos negativos da personalidade do homem. (CAVALCANTI, 2002. P.43)

O homem é um ser constituído pelo incompleto, ele vai está sempre em busca de alguma coisa para preencher seu vazio existencial. A arte e mais precisamente a literatura, poderá nos ajudar a transportar questões externas e internas para as narrativas, possibilitando a compreensão dos segredos que regem a humanidade. Como afirma Cavalcanti (2002, p.39), todas as narrativas, desde gestos e sons guturais até a mais sublime prosa poética, contam e relatam o desenvolvimento humano de plenitude, de busca por um bem maior, da luta entre o bem e o mal, da superação da dor pelo amor. Dessa forma, a literatura consegue ir de um extremo ao outro, relatando aspectos que são permanentes na vida humana: a vida e morte (o amor e a dor).

Afinal, literatura é a própria representação da vida (metáfora da mesma). E quando adentramos nestas narrativas, nos encontramos em constante conflito com os nossos sentimentos, envolvendo nestes contos o amor, a bondade, a generosidade; como também o contrário, como a inveja, o ódio, a ganância, enfim tudo aquilo que de certo modo representa a sociedade na sua verdadeira essência.

Os contos de fadas conseguem abordar sobre os problemas que envolvem o nosso inconsciente com uma visão mais complicada da vida, abordando aspectos gerais sobre o nosso ser/estar no mundo.

2.2 AFINAL QUAL A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA ATUALIDADE?

A sociedade se modificou, surgiu à escrita e com ela sobreveio toda a cultura popular preexistente, trazendo a palavra em sua forma escrita como representação da arte nos diversos contos maravilhosos.

São histórias que tentam resgatar o imaginário infantil, dando ao homem a oportunidade de falar sobre seus sentimentos mais profundos, através dos personagens e/ou obstáculos encontrados nestes relatos. Numa sociedade como a nossa que vive sob o avanço da ciência, da tecnologia, que tanto trouxe benefícios como também tem gerado problemas de toda ordem, sociedade na qual os valores humanos parecem estar deixando de ter sentido ou se perdendo, nos perguntamos: para quê os contos de fadas? Ou mesmo tem se constituído em outros valores que vão a contraponto com a nossa eterna busca para encontrar “a felicidade”.

Não é o fato de ter príncipes e princesas, bruxas e pessoas que intercedam pelas princesas – fada madrinha, que estes contos populares vão ter mais encanto, mas é justamente a busca da libertação no plano físico, que os contos procuram dar respostas que muitas vezes vão de encontro ao vazio existencial. Vazio que os pais ocupados, sempre com pressa e que para compensarem seus filhos, muitas vezes os presenteiam com vários produtos da modernidade, ou seja, da sociedade de consumo. A libertação proporcionada pelos contos, ao mesmo tempo em que nos afastam do plano físico, também proporcionam o encontro num plano intercalado, no qual vida e arte se integram.

Os contos não são histórias de carochinha que apenas narram a luta pela união entre o príncipe e a princesa, mas conseguem habitar o transreal. Não são histórias apenas para envolver e/ou entreter as crianças, mas servem para qualquer pessoa, em qualquer idade. Sendo carregados pela poeticidade e carga emotiva, através da literatura, os contos conseguem retratar sobre os problemas que envolvem nosso inconsciente. Encontramo-nos presos as características das personagens, a seus valores positivos e/ou negativos, pois estes se referem a nossa própria vida, podemos ser egoístas, bondosos, sentir ódio ou amor, assumindo o papel de vilões ou de heróis na vida.

Essas histórias têm muito mais importância do que se pode pensar, porque elas falam da vida, de homens e mulheres, valores, crenças, desejos, vida, morte, bem, mal, poder, coragem, astúcia, esperteza, preguiça, gula, cobiça, enfim do infinito e grandioso universo humano. (CAVALCANTI, 2002. p.55)

Nada é mais dignificante que preencher nossa mente com cultura, cultura que ultrapassa milênios, vence preconceitos e se renova em cada instância da vida. Não optamos por uma única literatura, mas pela disseminação do conhecimento, através da expressão da arte. A partir dos contos de fadas conseguimos colocar em ordem as contradições que estão em nosso interior, através da leitura vamos descobrindo problemas recorrentes que existem no nosso cotidiano, mesmo que com um toque especial da fantasia (imaginário). Podemos citar: A questão da pobreza em João e Maria, as consequências em Chapeuzinho Vermelho por ter desobedecido aos ensinamentos de sua mãe, entre outras histórias.

Entretanto, enquanto houver leitores e/ou estudiosos preocupados em incentivar o cultivo a literatura para compor a vida de discernimento o suficiente, as respostas às quais procuramos encontraremos em nosso inconsciente.

3. A CONTRIBUIÇÃO DOS CONTOS DE FADAS PARA A COMPREENSÃO DA VIDA

Segundo Von Franz, os contos de fadas são a expressão mais pura e mais simples dos processos psíquicos do inconsciente coletivo. Todos de alguma forma temos medo do que possa vir a acontecer na nossa vida ou mesmo as perdas que estamos sujeitos a passar por elas, os desafios que a vida há de nos proporcionar. Enquanto não crescermos interiormente, seremos “crianças” presas em um mundo cheio de incertezas. Com os contos de fadas deixamos fluir o nosso inconsciente- as inquietações interiores (medo da morte, fantasias desordenadas e mágoas).

Os contos de fadas poderão contribuir no sentido de ajudar o leitor a encontrar a maturidade para seu desenvolvimento intelectual e moral. Com a arte reconhecemos a essência humana- todos estão propícios a ter sentimentos das mais diversas formas- tanto negativos, como positivos. Podemos ocultar a nossa natureza para que o outro não nos identifique desta forma. O ser humano é um ser muito complexo, para este haverá sempre lacunas quanto a sua existência. A literatura pode ser considerada como um dos recursos que poderá possibilitar uma leitura de tudo o que nos envolve. Os contos de fadas poderão permitir a construção de um diálogo entre os conflitos externos e internos do homem.

A literatura é tida como um canal da educação moral, sobretudo os contos de fadas, no qual podemos encontrar respostas para libertação dos problemas interiores dos seres humanos. Estes relatos fabulosos permitem que as crianças e adultos concebam estratégias para se posicionarem no mundo, quer seja para se libertar dos medos que atormentaram durante a infância, quer seja na construção da personalidade.

Sabemos que o ensino de literatura em sua maioria tem se limitado a leitura de trechos das obras dos cânones. Os alunos do ensino fundamental II, muitas vezes não têm acesso ao sabor que pode ser proporcionado pela leitura, pela expressão de opinião a partir de tal conhecimento e acesso a cultura presente nas obras literárias. Muitos alunos só irão experimentar de forma mais intensa a literatura no ensino médio, principalmente se forem se submeter ao vestibular.

É necessário que os educadores possam instigar os alunos às diversas manifestações literárias. Segundo Machado (apud. SORIANO, 2009), toda literatura é uma arte e para arte

não tem idade. Passamos a reconhecer que há uma necessidade do ser humano em reconhecer e ampliar suas concepções a cerca do mundo, sendo preciso desenvolver a habilidade de expressar suas opiniões sobre o texto. Segundo Soriano (2009), o compromisso do professor deve levar em contato à flexibilidade, a diversidade, a variedade que há no mundo das relações sociais e nos interesses dos envolvidos do processo de ensino-aprendizagem. É preciso colocar como meta da educação o pensamento de forma crítica. Neste sentido, podemos dizer que os contos ao mesmo tempo em que entretém, instiga o educando leitor a construir sua identidade, pois este vai se descobrindo no ambiente o qual está inserido, como também vai ajudando-o a desenvolver seu pensamento sobre o mundo, sobre a vida. O maior segredo das histórias contidas nos contos de fadas é a fantasia e a imaginação que se misturam com as histórias da vida.

4. UM POUCO DE HISTÓRIA...

Desde o início da história humana, a mulher vem sendo referenciada em um patamar inferior em relação ao homem, na bíblia, por exemplo, no antigo testamento quanto ao surgimento dos primeiros filhos de Deus, sabemos que Adão foi feito a imagem e semelhança do pai, já Eva seria apenas uma “cópia”, pois é semelhança de Adão- por isso é que a mesma faz com que o filho escolhido de Deus coma do fruto proibido. E assim por muito tempo foi disseminando uma visão pejorativa em relação à mulher, a exemplo o período medieval, que os próprios sacerdotes escreviam sobre como deveria ser a cultura de seu povo e/ou segundo suas concepções como era os valores da sociedade da época.

Muitos criaram uma concepção errônea sobre a mulher, visto conceitos formados sobre o período medieval, onde a igreja repudiava as mulheres, as acusando de serem endemoniadas, por tentarem manter os homens prisioneiros ao corpo, através do ato sexual, exceto se essa função fosse para procriação. Esta é a visão que a igreja nos concebeu, as mulheres sempre sujeitas a seus maridos, ou dentro de conventos- passivas. Entretanto é assim que estes queriam que percebêssemos a mulher, como símbolo de fragilidade, mas as mesmas se encarregavam de resolver os problemas de seus esposos, quando estes se encontravam na guerra ou mesmo temos a atuação das mulheres fiandeiras, sendo reservado todo o trabalho artesanal.

As mulheres distinguiam-se entre si pela posição que ocupavam na sociedade medieval, pela instrução, por suas ações e ideais de vida. Não obstante, sofriam restrições parecidas- embora não idênticas de seus congêneres masculinos. (MACEDO, 2002. P.10)

E como esquecer o período de “caça as bruxas”? Ocorrido entre os séculos XV e XVIII, no qual mulheres foram torturadas e decapitadas, ou jogadas nas fogueiras em praças públicas. Era considerada herege qualquer pessoa que realizasse atos de feitiçaria, e estas, segundo a igreja se encontravam adeptas ao culto satânico e a depravação sexual.

Temos na Bíblia três exemplos distintos de mulheres, uma como pecadora (Eva), outra como a oposição desta (Maria) e por último a junção das duas (Maria Madalena). Eva fora criada para fazer companhia ao filho amado de Deus, entretanto, esta sendo criada a partir da semelhança divina (Adão) consegue mostrar que não sabe resistir aos pecados da carne quando é tentada pelo Diabo. Eva era a pecadora- uma visão segundo a igreja que segundo nossas aulas de história, na maioria dos casos, remontam a Idade Média.

Já Maria é aquela que sofreu pela morte do seu filho- Jesus Cristo. Considerada como santa e para muitos seria a fonte de intervenção entre a terra e o céu. Um processo um tanto dicotômico ante as ideias concebidas dos eclesiásticos sobre a mulher, porque ao mesmo tempo em que acusava Eva do pecado original, fora Maria aquela que trouxe o redentor dos pecados. Quanto a Maria Madalena temos a imagem da prostituta que se redime ante uma das pregações de Jesus.

Nos sermões feitos pelos pregadores era muito comum o uso da “exempla”, histórias curtas e que poderiam relatar a vida de santos ou santas (hagiografia). As vidas de algumas santas, de preferência de prostitutas arrependidas, eram utilizadas nesses sermões. Nelas, todas as características que eram atribuídas as mulheres apareciam e eram assim difundidas e disseminadas por toda a cristandade. (MAYER, 2007)

Exemplo que muitas vezes foi lembrado o de Maria Madalena, a pecadora redimida. Na concepção do clero até as dores do parto era castigo divino, talvez por esse medo da união carnal e querer que estas mulheres se dedicassem a vida religiosa. Estas concepções fugiam dos escritos literários da época- os contos de fadas que foram quando muitos escritores se dedicaram a ouvir relatos e os enriquecer com seus talentos, uma contradição que se observamos vem ser um tanto que proposital, pois se esta cultura já estava disseminada na mente destes jovens escritores, o óbvio seria nos contos relatados e/ou escritos a presença de mulheres belas, mas de uma fragilidade que só competia aos homens lhes auxiliar nos problemas que surgissem.

4.1. A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NOS CONTOS DE FADAS

Há muito tempo, pois, a mulher vem tentando ocupar seu espaço na sociedade, muitas morreram lutando em movimentos feministas para adquirir seus direitos. Antes estas não tinham nem o direito ao voto, a escolha de seus maridos- do seu futuro, ao trabalho, mas aos poucos foram conquistando seu espaço, hoje elas atuam em diversas áreas. Os cargos que antes eram ocupados apenas por homens, hoje encontramos mulheres que assumem tais cargos. Mas ainda existe um longo percurso. Afinal, somos de uma sociedade ainda fortemente influenciada pelo preconceito em relação às mulheres, marcada pelas concepções de passividade, dependência e fragilidade em relação à figura feminina.

Com a disseminação destas concepções, os primeiros relatos literários escritos tinham por base a visão de camponeses e suas vivências, misturando fantasia e formas de representar a vida, especialmente à das mulheres. As princesas eram mulheres sempre a espera de seu príncipe, passivas, sendo enganadas por serem pessoas muito bondosas e sonhando sempre com um casamento perfeito. As personagens femininas eram ainda caracterizadas como pessoas indefesas e ingênuas, sempre perseguidas por bruxas e/ou madrastas, cuja sucessão de batalhas entre o bem e o mal seria finalizada com a chegada do príncipe e a destruição do inimigo. Havia nos contos uma supervalorização das características físicas, sendo valorizadas aquelas que se enquadravam nos padrões de beleza ditados pela sociedade da época.

Assim, vemos que nas histórias antigas de contos de fadas, as mulheres eram sempre pessoas obedientes e prendadas, sendo caracterizadas por suas belezas físicas e/ou emocionais, passavam por alguns desafios na vida e tinham como recompensa seu príncipe encantado e eram “felizes para sempre”. Temos vários exemplos que podem ser citados aqui, Bela Adormecida- passa cem anos adormecida por causa de uma maldição, fica a espera do beijo de seu príncipe que a libertará do sono profundo. Nas releituras de Bandeira (2009) esta dorme o tempo todo, ficando alheia aos problemas que surgem. Num outro conto tradicional, a personagem Branca de Neve se mostra um tanto que ingênua, pois deixa se enganar diversas vezes, mas por sua beleza e doçura sempre surgia pessoas para salvá-la (os sete anões e o príncipe, por exemplo).

Pedro Bandeira mostra que os desafios são comuns tanto as princesas de contos imaginários como aos seres humanos. E que a felicidade não significa o encontro com o “príncipe encantado”, mas, saber construir uma vida a ‘dois’ em comunhão com os problemas da vida- limites e desafios que esta lhe propuser. Nestes contos o autor retrata o nosso cotidiano, a arte se expressando através da vida, daquilo que faz parte da realidade.

Nos contos modernos há uma subversão de valores aos contos tradicionais, vemos em alguns deles mulheres frente à sociedade e que lutam por seus ideais. Um exemplo é a obra de Monteiro Lobato, utilizando-se dos personagens mitológicos de uma forma genial, introduzindo-os na zona rural. Temos em seus contos a esperta Emília (a boneca de pano do sítio) que juntamente com outros personagens, praticava peripécias no Sítio do Pica Pau Amarelo. Neste conto moderno, não há a famosa frase: “E viveram felizes para sempre”, mas como nos contos tradicionais, é também cheio de aventuras, contém um mundo mágico composto pelo mundo admirável da arte, misturando fantasia e realidade.

Temos também filmes que são releituras dos contos tradicionais como: Xuxa em o mistério de Feiurinha, produzido por Xuxa Meneghel, com direção de Tizuka Yamasaki, e lançado em dezembro de 2009, no qual o escritor Pedro Bandeira mostra como é a realidade depois dos “felizes para sempre”. O referido autor demonstra que estes relacionamentos são como todos os outros, no qual as personagens devem assumir suas responsabilidades, pois vão ter um lar para cuidar, filhos e muitas vezes sem o auxílio dos maridos.

Nos contos interpretados por Pedro Bandeira, as princesas apresentadas (Branca de Neve, Bela, Rapunzel, Feiurinha, Cinderela, entre outras) quando se vêem em meio a desafios

encontrados no meio do caminho, como o desaparecimento da princesa Feiurinha, que é o ápice de toda trama, elas se unem para encontrar uma solução. Ao contrário do conto tradicional, o conto na sua versão moderna, requer dessas princesas a ação, atitudes de heroína para salvar o mundo da fantasia- seu mundo. Enquanto seus maridos (os príncipes) só se dedicam aos jogos e são passivos, tornando-se pessoas dependentes uma das outras, como no caso do marido de Rapunzel que só descia pelas tranças de sua esposa, esquecendo que havia escadarias.

4.2. ANALISANDO O FILME SHREK

Outro conto em que há uma subversão aos contos tradicionais por desconstruir a lógica dos relatos é o filme Shrek, o qual retrata a história de amor entre um ogro e uma princesa.

Este filme tem a mesma estrutura dos contos tradicionais- um reinado (Lancelot), um problema a resolver, a recuperação do pântano (reino de Shrek) e para tal este deveria salvar a princesa, e no final o encontro com o verdadeiro príncipe. Entretanto quem vem salvá-la na torre (referência a Rapunzel) é um ogro, contrariando o seu sonho de ser resgatada por um príncipe. Fiona, a princesa, finge o sono profundo (referência a Bela Adormecida), esperando ser acordada com um beijo do príncipe que deveria ser lindo. Ao perceber a aparência daquele que a libertou, fica decepcionada, pois além dele não ser aparentemente o príncipe encantado, o mesmo só veio a serviço do Lorde Faquard (lorde da cidade).

Fiona, como todas as outras princesas, é aparentemente uma mulher delicada, apresentando todas as características femininas representadas nos contos de fadas. Mas o que torna Fiona diferente das outras princesas? Esta não segue os padrões de beleza- durante a caminhada para ser entregue ao noivo, transmitindo gestos indelicados (arrotos), luta sozinha para se defender de Robin Hood e seus comparsas, além de um segredo, transformar-se em ogro durante a noite, bem como no desenrolar da história, chega a se casar com um ogro (assumindo sua verdadeira identidade).

A princesa Fiona vai de um extremo ao outro, assumindo por um lado características e atitudes de mulher passiva, aquela que se encontrava alheia ao sofrimento e não se encoraja a vencer os obstáculos (quando estava presa na torre), e por outro lado, mostra-se ativa, nos

momentos em que precisa se defender durante o percurso que faz com Shrek para encontrar seu reinado, como também quando precisa tomar as grandes decisões diante do seu destino, como por exemplo, escolher entre ser para sempre uma “princesa bela” ou ficar “feia” e viver com quem amava (Shrek), mesmo diante da reprovação da sociedade, devido à aparência do mesmo. Fiona decide ficar com quem amava, aderindo a mesma aparência do seu amado, que é de um ogro.

No final da história de Shrek, a princesa Fiona provoca uma ruptura com as representações femininas que vem sendo construídas nos contos de fadas, colocando a beleza como algo relativo e que pode ser descartado quando é o amor que está em jogo. Fiona parece perceber que não adianta ter um reino, com um lindo príncipe, governar seu reinado, se a felicidade e o amor ela só encontrou ao lado de Shrek- um ogro, feio, mas com qualidades cabíveis para lhe fazer feliz.

Algo a destacar foi à opção da personagem em assumir sua verdadeira forma- de um ogro, ela teve a chance de escolher casar com um lorde, entretanto a mesma se mostra determinada em nome do amor. Tanto que ao longo do filme ela vai se mostrando apta a vencer os preconceitos. O que difere Fiona das outras personagens é que encontramos mais características nesta compatível conosco. A mídia quer nos tornar obcecados por cada produto na vitrine das lojas e shoppings Center. Cada vez lemos menos, nos afastamos de qualquer tipo de qualquer tipo de expressão artística e nos tornamos menos críticos. É uma nova sociedade dominada pela era digital, em que muitos se tornaram dependentes destes meios e não conseguem ocupar um pouco do seu tempo para leitura de contos e/ou qualquer expressão literária.

Como nos contos de fadas, percebemos que muitas mulheres ainda se encontram “presas” a um mundo de fantasia a espera de um homem perfeito, que venha salvá-las das mazelas da vida, protegendo-as dos perigos e com quem viverá “feliz para sempre”. Neste sentido, a mídia tem contribuído para disseminar nas várias formas de contos a fantasia de uma vida feliz para sempre, sem problemas e sem sofrimento. Nestes, embora em alguns casos a figura feminina não corresponda mais as representações feitas nos contos tradicionais, como a de mulher indefesa, submissa e muito bela, ainda encontramos a representação da mulher que associa sua felicidade com o casamento, ou seja, o encontro do “príncipe, que não precisa ser necessariamente encantado”, mas precisa ser aquele que irá torná-la “feliz para sempre”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi analisado é possível considerar os contos de fadas como fonte de influência para personalidade do ser humano, nos descobrindo enquanto consegue desconstruir o inconsciente, através dos personagens dessa tradição milenar. Esta manifestação artística deve ser apreciada por todos, desde os de mais tenra idade a fase adulta, pois os mesmos nos auxiliam a encontrar possíveis significados para a nossa existência.

Entretanto, estamos acorrentados em um mundo chamado ‘comércio’, nem ao menos nossa arte se livrou, na Disney, por exemplo, os contos que antes tinham como intenção a construção da personalidade humana, se encontram vitimados pela mídia e não possui o mesmo valor de antes. Alguns escritores e cineastas tentam salvar nossa cultura com releituras de contos, mas ante uma sociedade tão apegada a valores materiais (ficando cada vez mais passivos em relação a tudo que os cerca no mundo), é muito difícil mudar essa realidade.

Primeiro porque muitos são preconceituosos quando se trata de literatura popular- especificamente os contos de fadas, e segundo porque neste tipo de narrativa, damos ênfase à mulher. Foi observado a partir das leituras e estudos de textos de teóricos que desde os tempos primórdios a mulher vem sendo excluída do meio social, e que ao longo do percurso histórico, seguido pela arte, construiu-se um ideal feminino caracterizado como alguém frágil, ingênua e dependente do homem para vencer qualquer desafio que lhe suceder. Com a análise do filme Shrek, percebemos o quanto a sociedade se modifica, aqui não existem mulheres mais passivas, mas mulheres críticas que defendem seus ideais, sendo atuantes na sociedade. Se impondo com os mesmos direitos que qualquer ser humano possa ter, independente do sexo a qual possa pertencer.

A exemplo, a personagem Fiona do filme Shrek que faz jus ao novo perfil da mulher, contribuindo para nova identidade feminina- sabe ser crítica e consegue ter iniciativas ante qualquer obstáculo que lhe aprouver, sem a interferência de outrem. Esta se mostra muitas vezes como uma verdadeira heroína, pois enfrenta seus medos e desafia “as normas” da sociedade- O padrão de beleza (a estética). Quanto a nós educadores podemos fornecer ao aluno estes ensinamentos, mostrando as diferenças entre os contos tradicionais com os contos midiáticos e como isto revolucionou o pensamento da mulher, não só como expressão artística, mas na concretização da vida.

E por que não letramento com contos de fadas no ensino fundamental II? Se esta literatura é passada de geração em geração, possui um arcabouço de conhecimento de vários povos, além da leitura destes perceber o mundo de diversas formas, compreendendo as problemáticas da vida. Eis que além do lúdico e da imaginação, estas narrativas estimula o senso crítico do educando e auxiliam na construção da realidade, através da percepção do inconsciente.

Enfim, com tudo que foi exposto esperamos ter contribuído para disseminar um pouco do conhecimento desta cultura que tanto fez parte do nosso período infantil, mas que não nos impede de sermos ainda leitores, pois é literatura. E conhecimento atrelado à poeticidade contribui para um incentivo à leitura.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Pedro. **O fantástico mistério de Feurinha**. São Paulo: FTD, 1986.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2002.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Paulus, 2002.

CORSO, Diana Lichtenstein. **Fadas no divã: Psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006. P.161-278.

Disney. **Clássicos favoritos de todos os tempos**. São Paulo: Brimar, 1998.

VON, Marie-Loise Franz. **Uma introdução á psicologia dos contos de fadas**. Rio de janeiro: Achiamé, 1981.

MACEDO, José Rivair. **Amulherna Idade Média: A situação nomeio familiar, a atividade profissional, política, intelectual, exclusão preconceito semarginalizados**. São Paulo: Contexto, 2ª edição, 1992.

Monografia:

MAYER, Mônica Elizabete Amaral. **Como são construídos os papéis de mãe e madrasta nos contos de fadas de Grimm.** 2007. 30 p. Universidade de São Carlos, São Paulo.

Monografia:

MATTAR, Regina Ribeiro. **Os contos de fada e suas implicações na infância.** Bauru, 2007. 41 p. Universidade Estadual Paulista- Campus de Bauru, São Paulo.

REGINA, Zilberman. **A literatura infantil na escola.** São Paulo: Global, 2003.

Monografia:

SORIANO, Mônica Elizabete Amaral. **Contos de fadas e identidade infantil.** São Gonçalo, 2009. 58 p. Universidade do Estado do Rio de Janeiro- Campus de São Gonçalo.